DOCUMENTO SÍNTESE DA RODA DE CONVERSA

**“Governança Territorial e Redes:**

**Qual é a missão do conhecimento crítico?”**

**Apresentação**

A “Roda de Conversa” é uma atividade proposta e organizada pela Coordenadoria de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, que se encontra em sua terceira edição. A experiência surgiu pela necessidade que as unidades da Fiocruz encontram em para debater esses temas que permeiam suas práticas, principalmente em cooperação social.

A atividade acontece com a participação de trabalhadores de Unidades da Fiocruz, que contribuem para que esse espaço se confirme na construção coletiva de diretrizes acerca de temas importantes para a prática em cooperação social.

Nas duas primeiras edições da Roda de Conversa, o tema sobre Governança Territorial e Rede foi abordado de maneira mais difusa, ainda tentando cercá-lo. Na primeira Roda de Conversa foi convidada a Direb-DF, que apresentou sua experiência de Governaça com modelo inovador de gestão territorial. Na segunda roda de conversa, foi apresentada a experiência da implementação do CFMA, com suas contribuições sobre a gestão participativa nesse processo.

A terceira edição apontou para uma visão mais geral sobre o tema, com abordagem institucional, conceitual teórica e prática das experiências apresentadas: Programa de Desenvolvimento Campus Fiocruz Mata Atlântica (PDCFMA) – apresentado pelo Gilson Antunes da Silva, Coordenador do Programa; Programa de Ensino de Jovens e Adultos (PEJA-Manguinhos/EPSJV)) – apresentado por Michele e Marcelo; Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde (CLAVES/ENSP) – apresentado pela Rosane; e Reflexão sobre Estado de exceção - apresentado por Macus (Servidor da ENSP).

A seguir, partindo das apresentações e intervenções do público durante a roda de conversa, traremos reflexões importantes em diálogo com as experiências em Cooperação Social da Fiocruz, com os marcos institucionais abordados no VII Congresso Interno, com as políticas públicas em saúde e com a referencia teórica sobre conceitos utilizados na discussão da Roda de Conversa. Com isso, esperamos contribuir para o avanço da discussão na Fiocruz, ampliar o acervo de referencias sobre o tema e ampliar as ações nos territórios pautados em princípio e valores institucionais potencialmente construídos nesses e outros espaços de debates.

**MARCOS INSTITUCIONAIS**

No decorrer das apresentações, pode-se observar que a discussão institucional permeia quase a totalidade dos temas. Um posicionamento da instituição sobre as temáticas nas quais se apoiam a prática em Cooperação Social são abordadas pela Fiocruz sob diversos aspectos, o que podemos verificar a partir de documentos do Congresso Interno.

O atual documento produzido no VII Congresso Interno da Fiocruz apresenta a Missão, desafios a serem enfrentados e projetos da Fiocruz e, assim, aponta um horizonte que nos respalda em nossa tentativa de estabelecer princípios e valores do trabalho em Cooperação Social desenvolvido pela Fiocruz.

A missão da Fiocruz, atualizado e ratificado nesse VII Congresso é:

Produzir, disseminar e compartilhar conhecimentos e tecnologias voltados para o fortalecimento e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que contribuam para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, para a redução das desigualdades sociais e para a dinâmica nacional de inovação, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais. (FIOCRUZ, 2014:2)

Destaca-se que a Roda de Conversa tem como objetivo debater experiências que fomentam o enfrentamento das desigualdades e iniquidades presentes nos determinantes sociais da saúde, e assim, contribuir para a promoção da saúde.

É importante destacar também que, a experiência da Roda de Conversa dialoga com os princípios de produção, disseminação e compartilhamento de conhecimento, tanto internamente, na articulação das Unidades da Fiocruz para o trabalho em Cooperação Social, quanto com agentes externos à Fiocruz, que atuam em parceria na realizações e desenvolvimentos de ações nos territórios sócio ambientalmente vulnerabilizados, principalmente do entorno de seus *campi.*

A importância que o território assume para o trabalho em Cooperação Social, e que foi amplamente abordado na apresentação das experiências da presente edição da Roda de Conversa, aparece também no Relatório Final do VII Congresso Interno, no Eixo 2: Ciência, Tecnologia saúde e Sociedade, para haja desenvolvimento sustentável, é necessário reconhecer o território vulnerabilizado como *locus* de políticas públicas de enfrentamento de iniquidades, alcançando como resultado o fortalecimento da instituição nesses territórios.

“O primeiro desafio foi conhecer o território e o segundo, pensar um modelo de gestão para ele do ponto de vista da saúde ampliada, levando em consideração a atuação da Fiocruz. Essa atuação teria necessariamente que prever ações que impactassem diretamente na qualidade de vida, ambiental e social dos moradores.” (Gilson Antunes – CFMA – Roda De Conversa)

A temática do território aparece também no Eixo 4: Saúde e Sustentabilidade Socioambiental. Articulado com o conceito ampliado de saúde proposto pela OMC “define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas meramente a ausência de doenças e enfermidades” (Fiocruz, 2014:18), com os determinantes sociais dela, coloca a centralidade no território socioambientalmente vulnerbilizados no desafio de retomar os avanços da reforma sanitária brasileira e para a construção de uma sociedade mais humana e justa (Fiocruz, 2014:18). Essa articulação entre o conceito de território e o de determinantes sociais da saúde esteve bastante presente na Roda de Conversa, como podemos observar no trecho a seguir:

“[Para o EJA Manguinhos] o objeto do projeto é promover a educação básica de jovens e adultos a partir de uma formação cidadã e territorializada. A ideia não é correr atrás do tempo perdido, ou seja, dar educação para quem está atrasado como muitos imaginam, mas sim uma educação diferenciada, territorializada e por isso ela acontece também no território onde as pessoas vivem. O IDH de Manguinhos é muito baixo, impactando diretamente na escolaridade que é uma das mais baixas do Rio de Janeiro.” (Marcelo – EJA Manguinhos – Roda de Conversa)

 Por fim, o território aparece também nos objetivos estratégicos para o período 2014-2017, que propõe aprimorar as estratégias de inserção dos serviços da Fiocruz, tendo o território como *locus* de atuação, fortalecendo parcerias locais que fortaleçam a integração do SUS através de modelos de governança (Fiocruz, 2015:23)

“Estamos trabalhando na área de violência e saúde. Participamos de uma experiência na ENSP, em que se trabalhava governança no território a partir do lugar da Fiocruz. Isso foi em 2008 num cenário de implantação do PAC. O objetivo era fazer uma articulação entre a ENSP e os movimentos sociais de Manguinhos.” (Rosane – CLAVES/ENSP – Roda de Conversa)

 Destacamos também o tema da governança, que também aparece tanto no documento final do VII Congresso Interno, quanto nas apresentações na Roda de Conversa. Como destacado acima, a governança articula-se com a estratégia de intervenção no território, a participação do cidadão no SUS, o que inclui instrumentos de gestão que permitam e auxiliem essa participação cidadã.

 A discussão sobre governança está bastante presente no meio empresarial e é a ele muito identificado. No entanto, o que se propõe, tanto no congresso interno quanto nas experiências apresentadas na Roda de Conversa, é a construção de um novo modelo de governança, mais democrático, que inclua os cidadãos nos sistemas de gestão e de decisão acerca das temáticas de saúde, das políticas públicas e demais ações que sejam desenvolvidas nos territórios, principalmente no entrono dos *campi* da Fiocruz.

“No início as pessoas imaginavam governança numa perspectiva corporativa, mas a governança trabalhada por nós é pelo viés da saúde. Assim, a questão que se colocava era? Porque território? porque território é o elo? Porque é nele que buscavam promover a saúde, buscando desenvolver um modelo de governança de território saudável com participação social e nisso a tecnologia social através da metodologia de trabalho tornou-se o objetivo” (Rosane – CLAVES/ENSP – Roda de Conversa)

**MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS**

A seguir, iremos apresentar a discussão da Roda de Conversa sob um outro aspecto, o aspecto teórico conceitual, isso porque um objetivo da Roda de Conversa é construir ou fortalecer conceitos da *práxis* do trabalho em Cooperação Social.

Começaremos pelo conceito de território, que já foi abordado pelo seu aspecto institucional. Trata de um dos conceitos com sob os quais o trabalho em cooperação social está baseado. A partir do conceito de território, outros conceitos se desdobraram, como: governança territorializada, educação territorializada, território de exceção, que estiveram presente nas apresentações durante a Roda de Conversa.

Tendo como referência o Dicionário da Educação Profissional em Saúde, utilizamos em nossos trabalhos a concepção sociopolítica de território, em que compreende o território em decorrência da vida em sociedade. Define o território não apenas como um espaço concreto, mas sobretudo como as relações sociais projetadas no espaço (Gondim e Monken).

Caracteriza o território pela presença de poder, que pretende interferir, influenciar, exercer controle sobre uma determinada área. Essas relações, que são políticas, econômicas e culturais, tem como resultado a terrirorialidadade, como expressão do exercício de poder em determinado território. Mas a territorialidade é também o ato de habitar um território, já que esse ato traz como resultado a corporificação de saberes e práticas, assim, remete à importância da territorialização para os processos formativos com foco na aprendizagem significativa e nos contextos da vida cotidiana.